



FICE

7ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

A TRAJETÓRIA DE SARAH BAARTMAN: o corpo da mulher negra como instrumento pedagógico para popularização do racismo científico no século XIX

*Andressa Schons¹; Aryane Brambila²; Sabrina Zanon³; Evelyn Camile dos Santos⁴
Cristiane Aparecida Fontana Grumm; Adriano Bernardo Moraes Lima⁵*

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo principal identificar, através da iconografia (charges, sátiras, cartazes, anúncios, *Personal Satires* e ilustrações científicas) sobre Sarah Baartman. Através da iconografia publicada nos periódicos, panfletos e obras franceses e ingleses, identificar os discursos racializados sobre a mulher negra, a fim de analisar os repertórios de representação e práticas representacionais sobre o corpo feminino negro que serviram para marcar as diferenças e dar significado racializado ao público europeu, construindo a consciência de sua normalidade e de sua superioridade racial.

O estudo da trajetória de Sarah Baartman (1789-1815), uma jovem da etnia khoikhoi (atual África do Sul) pode jogar alguma luz sobre os processos de construção de discursos racializados sobre os povos africanos, a partir do início do século XIX, que serviram para marcar as diferenças e dar significado racializado ao público europeu, construindo a consciência de sua normalidade e de sua superioridade racial.

Além do aspecto da hierarquização das “raças” – teorias propostas pelo pensamento científico europeu no oitocentos –, a trajetória da jovem auxilia-nos a pensar, sem prejuízo para a primeira questão, os repertórios de representação e práticas representacionais sobre o corpo feminino e a naturalização de padrões

¹ Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: andressaschons11@gmail.com

² Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: arybrambila@hotmail.com

³ Estudante do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: evelyncamiler@gmail.com

⁴ Estudante do Curso Técnico em Eletroeletrônica Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: evelyncamiler@gmail.com

⁵ Professores Orientadores do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: cristiane.grumm@ifc.edu.br; adriano.lima@ifc.edu.br



estéticos de matriz europeia veiculados na mídia atual e de época como representativos da normalidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (materiais e métodos)

Os europeus desde os primeiros contatos com outros continentes preocuparam-se em construir representações do outro. Para Hall (2010) e Damasceno (2008) essas representações foram construídas de maneira binária e com objetivo claro de inferiorizar os povos não europeus e automaticamente enaltecer a superioridade da civilização branca ocidental. É exatamente nesse contexto que são elaboradas as teorias científico-raciais.

Segundo Damasceno (2010), a trajetória de Sarah Baartman está diretamente relacionada com a construção da noção de raça no ocidente: “Sarah Baartman deu corpo à teoria racista” (DAMASCENO, 2008, p. 2).

O objetivo principal identificar é através da iconografia sobre Sarah Baartman publicada nos periódicos, panfletos e obras franceses e ingleses, identificar os discursos racializados sobre a mulher negra, a fim de analisar os repertórios de representação e práticas representacionais sobre o corpo feminino negro que serviram para marcar as diferenças e dar significado racializado ao público europeu, construindo a consciência de sua normalidade e de sua superioridade racial.

Para isso a pesquisa de cunho documental organizou-se nas seguintes etapas:

- 1) pesquisa de fontes primárias iconográficas: charges, sátiras, cartazes, anúncios, *Personal Satires* e ilustrações científicas;
- 2) pesquisa bibliográfica e cruzamento de informações e documentos históricos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde meados do século XVIII estudiosos europeus preocuparam-se em identificar, catalogar e elaborar critérios de classificação dos elementos da natureza, a fim de estabelecer um modelo universal de hierarquização das espécies. Estes estudiosos ficaram conhecidos como naturalistas; foram eles os principais incentivadores, junto aos Estados Nacionais europeus, da criação dos museus de



História Natural. O acervo destas instituições formava-se, via de regra, por meio de espécies nativas da fauna e da flora, além de material geológico, coletados e embarcados pelos naturalistas em suas viagens ao redor do mundo, na maior parte das vezes, financiadas pelas coroas europeias ou companhias de comércio.

Com o avançar do século XVIII e início do XIX, um ramo das Ciências Naturais se volta para a análise sistematizada das diferenças morfológicas entre os animais, incluindo as diferentes populações humanas do globo. As propriedades físicas e morfológicas dos povos encontrados e catalogados pelos europeus nestas viagens serviram para estabelecer os critérios fundantes das incipientes teorias que culminarão no racismo científico da segunda metade do século XIX. Nascia assim o conceito científico de “Raça” (MOORE, 2007).

A noção de que os povos da raça negra desempenharam um papel irrisório na longa e complexa trama da humanidade foi forjada durante o recente período sombrio da História humana, constituída pela conquista das Américas e a escravização dos africanos nestas terras. Nesse sentido, os negros teriam sido, no máximo, meros coadjuvantes na História, até mesmo no seu próprio continente de origem. Vista sob essa perspectiva tautológica, a questão aparece comprometida desde o início (MOORE, 2007, p. 38-39).

Atualmente, há consenso entre os estudiosos da temática racial a respeito da premissa de que raça não pode ser considerada um conceito biológico – ou seja, comprovado geneticamente –, apesar de ter sido considerada pelos acadêmicos do século XIX como prova irrefutável da hierarquização das populações humanas. Embora saiba-se que, do ponto de vista biológico, “raça” foi um conceito equivocado em sua acepção original, o termo continua válido quando considerado uma construção sociopolítica de matriz europeia e essencial para o surgimento do racismo contemporâneo no Ocidente (MOORE, 2007, p. 38).

O racismo, deste modo, traça uma distinção hierárquica entre as raças, abrindo um abismo entre elas e definindo um grupo racialmente designado como estando sobre e acima de outro, numa escala de valor moral, inteligência ou importância. Uma ideologia racista, portanto, é construída com base em distinções hierárquicas traçadas entre diferentes grupos. (...) O racismo, portanto, incorpora a atitude de uma concepção rígida e naturalizada relativa à natureza de indivíduos e grupos. (...) Em conexão a isso, diversos comentaristas sobre o racismo apontaram o papel da representação na sociedade contemporânea como a construção da identidade racial por intermédio da apresentação, na mídia, de imagens estereotipadas de diferentes grupos culturais (um fator que, mais uma vez, levanta a questão dos elos entre o racismo e a cultura de massa no mundo moderno) (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 274-275).



FICE

7ª FEIRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

Stuart Hall (2010), destaca que a construção do racismo científico no século XIX sustentou-se a partir de dois pilares: a diferença e o estereótipo. Para o autor, a diferença é relacional, ou seja, o “eu” é definido a partir da noção do “outro”. Portanto, de maneira binária. Já o estereótipo, reafirma a diferença ao apontar os limites entre o “eu” e o “outro” através da simplificação, do reducionismo e das oposições binárias. Para Hall (2010):

La estereotipación es, em outras palabras, parte del mantenimiento del orden social y simbólico. Establece a frontera simbólica entre lo “normal” y lo “desviante”, lo “normal” y lo “patológico”, lo “aceptable” y lo “inaceptable”, lo que “pertence” y lo que no pertenece o lo que es “Otro”, entre “internos” y “externos”, nosotros y ellos (HALL, 2010, p. 430).

Para Hall (2010), a construção de estereótipos sobre o “Outro” estabelece uma conexão intrínseca entre representação, diferenças e poder. Portanto, é do encontro com o “Outro” que surgem as práticas e representações da diferença racial.

É nesse contexto histórico de racionalismo e de sua utilização pelas nações europeias para justificar a dominação e ocupação do território africano, que surge a personagem histórica em questão: Sarah Baartman (1789-1815). Como várias mulheres da etnia khoikhoi, Sarah apresentava uma alteração em sua anatomia conhecida como esteatopigia. Suas dimensões corporais, consideradas “excêntricas” segundo a perspectiva europeia, chamaram a atenção do cirurgião e oficial do exército britânico William Dunlop, que conseguiu autorização da administração colonial para levar a jovem à Londres, em 1810.

Imagem 1: Cartazes de exibição de Sarah Baartman, denominada “Vênus Hotentote”.



Fonte: QURESHI, 2004, p. 237.

Sob promessas de enriquecimento mediante apresentações artísticas em eventos promovidos para a nobreza britânica, Sarah foi enganada e teve que se



FICE

7ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

submeter a situações degradantes. Para sobreviver na Inglaterra, era obrigada por seu “empresário” a se apresentar como atração nos *freak shows*, espécie de “circo dos horrores” que exploravam pessoas com anomalias genéticas ou doenças físicas e mentais, atraindo a curiosidade do público desejoso em estar cara a cara com “seres monstruosos”. Anunciavam-na como a extraordinária “Vênus Hotentote” (imagem 1).

Além destes espetáculos, Sarah era submetida a aviltantes exposições em salões e espaços privados ou a juntas científicas, formadas exclusivamente por homens, que escrutinavam de modo invasivo o seu corpo nu a fim de desenvolverem estudos de anatomia comparada, estabelecendo semelhanças com orangotangos (DAMASCENO, 2008).

Imagem 2: Personal Satires de Sarah Baartman representando curiosos observando seu corpo - *Les Curieux en extase, ou les cordons de souliers*.



Produzida por Louis François Charon (1815). Papel, colorida a mão. Dimensões: 222x295mm. Fonte: Catalogue of Political and Personal Satires in the British Museum (1949). Disponível em <http://www.britishmuseum.org>.

Porém, a trajetória de Sarah Baartman não terminaria com sua morte. O interesse científico dos estudiosos (imagem 3) tornou-a alvo de disputa entre diversas instituições. Coube ao eminente naturalista e paleontólogo Georges Cuvier (1769-1832) a guarda do corpo da jovem *khoikhoi* junto ao *Muséum National d'histoire Naturelle* de Paris. Cuvier dissecou o corpo de Sarah e realizou inúmeras análises anatômicas, estabelecendo relação entre os órgãos, as habilidades físicas e os traços de personalidade da mulher negra africana.



FICE

7ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

Imagem 3: Pranchas 1 e 2 atribuídas a Étienne Geoffroy Saint-Hilaire (1811) publicadas na obra “Histoire naturelle des mammifères: avec des figures originales, coloriées, dessinées d'après des animaux vivans” (1824), tomo I.



Fonte: Biodiversity Heritage Library. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/>

O cérebro e as genitálias de Sarah Baartman foram exibidos no *Musée de l'Homme* na mesma capital (imagem 4), com o intuito pedagógico de mostrar aos visitantes as etapas evolutivas dos seres humanos, reservando aos negros africanos a posição mais primitiva e próxima dos símios (DAMASCENO, 2008).

Imagem 4: Ficha técnica do molde em cera e esqueleto do corpo de Sarah Baartman exposto do Musée de l'Homme (1820-1974).



Fonte: Musée de l'Homme (Paris)

A trajetória incomum de Sarah Baartman não passou incólume à sede de audiência dos periódicos franceses e ingleses, tanto durante sua vida, como após a sua morte. O anúncio da exibição de notícias relacionadas à “Vênus Hotentote”



FICE

7ª FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

atraía leitores e aumentava as vendas dos periódicos. A anormalidade propalada pelos jornais e cartazes de espetáculos não atingiria o mesmo público sem a colaboração dos chargistas de plantão.

Estas personal satires (imagens 5 e 6) geraram, além do objetivo principal de satirizar os habitantes de um continente que começava a ser dominado, um importante efeito de popularização das teorias raciais que estavam sendo forjadas no ambiente acadêmico. E é sobre os discursos racializados sobre a mulher negra – e os africanos em geral – presentes nas ilustrações que representam Sarah Baartman que este projeto de pesquisa pretende se debruçar.

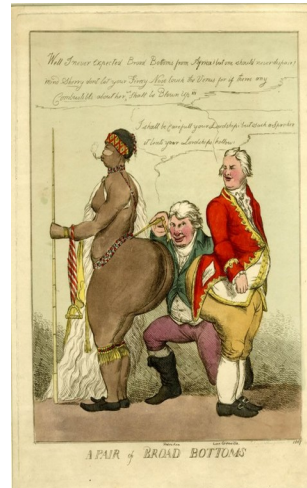
Tem-se como principal objetivo tentar perceber, através das charges, os repertórios de representação e práticas representacionais sobre o corpo da mulher negra que serviram para marcar as diferenças e dar significado racializado ao público europeu, construindo a consciência de sua normalidade e de sua superioridade racial (HALL, 2010).

Imagem 5: Personal Satires de Sarah Baartman - *Love and Beauty*



Produzida por Charles Williams (1822). Papel, colorida a mão. Dimensões: 288x218mm.
Fonte: Catalogue of Political and Personal Satires in the British Museum (1952). Disponível em <http://www.britishmuseum.org>.

Imagem 6: Personal Satires de Sarah Baartman - *A pair of broad bottoms*



Produzida por William Heath (1810). Papel, colorida a mão. Dimensões: 333x248mm.
Fonte: Catalogue of Political and Personal Satires in the British Museum (1947). Disponível em <http://www.britishmuseum.org>.

Dessa maneira, tanto nas representações satíricas quanto nas de cunho e teor científicos, serviram para a construção da consciência de normalidade e da superioridade racial do cidadão europeu diante das demais culturas espalhadas



pelos outros continentes, estes discursos continuam servindo de suporte para a mentalidade sexista e racista presentes na cultura de massa consumida até o presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da coleta da iconografia sobre Sarah Baartman produzida nas primeiras décadas do século XIX, pode-se elaborar uma arqueologia dos saberes a respeito do racismo e da normatização do corpo feminino. Esta pesquisa revelou a necessidade premente em se abordar temáticas relacionadas às questões étnico-raciais e de gênero no ambiente escolar, a fim de promover a equidade de gênero e o combate ao racismo, estimulando a capacidade de problematizar o processo histórico que deu origem à objetificação do corpo feminino – em maior grau, o da mulher negra – e à formação de padrões estéticos e normas de comportamento feminino. Promover esta mudança de entendimento a respeito da mulher e do negro contribui para a prevenção da violência contra a mulher e a discriminação racial em um contexto que vem recebendo número crescente de imigrantes. Por fim, esta pesquisa contribui para a promoção de ações pedagógicas de combate ao racismo no ambiente escolar, uma vez que atende aos princípios ontológicos contidos nas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

REFERÊNCIAS

- CRAIS, Clifton; SCULLY, Pamela. **Sara Baartman and the Hottentot Venus: a ghost story and a biography**. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso da Vênus Hotentote. In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Janaina_Damasceno_69.pdf>. Acesso em: 07 maio 2017.
- EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter (eds.). **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FERNANDES, Danúbia de Andrade. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e negritude. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, n. 24, p. 691-713, set.-dez. 2016.



FICE

7^A FEIRA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA E EXTENSÃO

05 e 06 de setembro

HALL, Stuart. El espectáculo del “Otro”. In: _____. **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Quito: Corporación Editorial Nacional, 2010, p. 420-445.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

PAGE, Willie (Ed.). **Encyclopedia of African history and culture**. 5 vols. New York: Facts On File, 2005.

WILLIS, Deborah (Ed.). **Black Venus 2010**: they called her “Hottentot”. Philadelphia: Temple University Press, 2010.

ZINK, Rui. Da bondade dos estereótipos. In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. p. 47-68.